

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

VALÉRIA CRISTINA FRANÇA ALVES

**AS FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS COMO CONTRIBUTO NO
PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM EM LÍNGUA INGLESA**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2014

VALÉRIA CRISTINA FRANÇA ALVES



**AS FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS COMO CONTRIBUTO NO
PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM EM LÍNGUA INGLESA**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo UAB do Município de Foz do Iguaçu, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientador(a): Prof. Esp. Lucas Schenoveber dos Santos Junior

MEDIANEIRA

2014



TERMO DE APROVAÇÃO

AS FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS COMO CONTRIBUTO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM EM LÍNGUA INGLESA

Por

Valéria Cristina França Alves

Esta monografia foi apresentada às..... h do dia..... de..... de 2014 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Pólo de Medianeira, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho

Prof. Esp. Lucas Schenoveber dos Santos Junior
UTFPR – Câmpus Medianeira
(orientador)

Prof Dr.
UTFPR – Câmpus Medianeira

Profª. Me.
UTFPR – Câmpus Medianeira

Dedico a presente pesquisa a todas as colegas de trabalho, sempre presentes no meu dia a dia e prontas a colaborar nos momentos de desespero.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, pela fé e perseverança para vencer os obstáculos.

Aos meus pais, pela orientação, dedicação e incentivo nessa fase do curso de pós-graduação e durante toda minha vida.

Ao meu orientador professor Lucas Schenoveber dos Santos Junior pela paciência e pelas orientações ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço aos professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Câmpus Medianeira.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta monografia.

“Existe apenas um bem, o saber, e apenas um mal, a ignorância.”. (SÓCRATES)

RESUMO

ALVES, Valéria Cristina França. **As ferramentas tecnológicas como contributo no processo de ensino e aprendizagem em língua inglesa.** 2013. 31p. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

Este trabalho teve como temática o uso das ferramentas tecnológicas no ensino aprendizagem em Língua Inglesa. O período atual da pós-modernidade nos traz um aprendiz ávido por tecnologias e conectado todo o tempo. Sendo assim, não é possível “ensinar como fomos ensinados” no passado e os diferentes métodos e/ou abordagens, aliados às ferramentas tecnológicas, podem proporcionar uma compreensão efetiva da língua, contemplando uma aprendizagem significativa. Como metodologia de trabalho, foi utilizada a pesquisa bibliográfica, pois permite que se faça uma investigação mais aprofundada, contextualizando e significando o assunto abordado. Objetivou-se propor algumas atividades voltadas para o uso de ferramentas tecnológicas em sala de aula e/ou laboratório de informática, bem como a utilização das mesmas como reforço de estudo em casa. Por fim, considera-se que ao utilizar as ferramentas tecnológicas em sala de aula, o professor também amplia seus conhecimentos, deixando sua zona de conforto e percebendo que não pode ter como base apenas sua área de conhecimento.

Palavras-chave: ferramentas tecnológicas, metodologias, ensino e aprendizagem

ABSTRACT

ALVES, Valéria Cristina França. **Technological tools as a contribution in the teaching and learning process in English**. 2013. 31p. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

This work had as theme the use of technological tools in teaching and learning English. The current period of postmodernity brings an avid learner and connected by technology all the time. Therefore, it is not possible to "teach as we were taught" in the past and the different methods and / or approaches, combined with technological tools, can provide an effective understanding of the language, contemplating a meaningful learning. As a working methodology, the literature search was used because it allows to do further research, and contextualizing and giving meaning to the subject researched. This study aimed to propose some activities related to the use of technological tools in the classroom and / or computer lab, and the use of it as strengthening of home study. Finally, it is considered that with the use of technological tools in the classroom, the teacher also expands his/her knowledge, leaving the comfort zone and realizing that he/she cannot be based on just his/her area of expertise.

Keywords: technological tools, methodologies, teaching and learning

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Tela das unidades do conteúdo.....	26
Figura 2 – Tela com lições e seus conteúdos.....	26
Figura 3 - Tela com a “árvore de inglês” e progresso do aluno.....	27

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	13
3	DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA.....	14
3.1	MÉTODO, METODOLOGIA E ABORDAGEM.....	15
3.1.1	Método de Gramática e Tradução.....	16
3.1.2	Método Direto.....	16
3.1.3	Método da Leitura.....	17
3.1.4	Método Áudio-oral.....	17
3.1.5	Estruturalismo.....	17
3.1.6	Sugestologia de Lozanov.....	17
3.1.7	Método de Curran-Aprendizado por Aconselhamento.....	18
3.1.8	Método Silencioso de Gattegno.....	18
3.1.9	Método de Asher-Resposta Física Total.....	18
3.1.10	Abordagem Natural.....	18
3.1.11	Abordagem Comunicativa.....	19
3.2	ESTRATÉGIAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM.....	19
3.3	PROPOSTA DE USO DA TECNOLOGIA EM SALA DE AULA.....	20
3.3.1	Atividade 1- Uso do <i>Podcast</i>	24
3.3.2	Atividade 2- Uso do celular.....	24
3.3.3	Atividade 3- Uso do aplicativo <i>Duolingo</i> no celular, tablet ou computador...	25
3.3.4	Atividade 4- Uso do “centro de autoacesso”.....	27
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
	REFERÊNCIAS.....	29
	ANEXOS.....	32
	Anexo 1.....	32
	Anexo 2.....	33

1 INTRODUÇÃO

O período atual traz à tona um novo tipo de aprendiz. Não é mais concebível “ensinar como fomos ensinados”, pois o advento da internet disponibiliza uma profusão de informações para o educando, inclusive em tempo real.

A percepção de tempo e espaço, neste cenário, é alterada sensivelmente pela presença das tecnologias e suas mídias na sociedade. Esta se apresenta cada vez mais imersa nas infovias da telemática, exigindo um novo perfil de professor, ou seja, um profissional que compreenda que apenas o conhecimento de sua área de formação não é suficiente para suprir a diversidade que encontramos nas salas de aula contemporâneas.

O excesso de informações não significa necessariamente que o educando saiba como transformá-la em conhecimento. Entra, então, a figura desse professor e seu papel. Para Aragão (1976, p.21), o papel do professor “é ser organizador dos conceitos básicos da matéria de ensino, é ser o facilitador da aprendizagem verbal significativa”. Mas o que é realmente uma aprendizagem significativa para alunos da era digital? Aragão comenta sobre a Teoria Cognitivista de Ausubel.

A aprendizagem significativa tem lugar quando as novas ideias vão se relacionando de forma não-arbitrária e substantiva com as ideias já existentes. Por “não-arbitrariedade entende-se que existe uma relação lógica e explícita entre a nova ideia e alguma(s) outra(s) já existente(s) na estrutura cognitiva do indivíduo. Assim, por exemplo, entender o conceito do termômetro só será de fato significativo para o indivíduo, se de alguma forma houver uma clara relação entre este e o conceito de temperatura. Além de não-arbitrária, para ser significativa, a aprendizagem precisa ser também substantiva, ou seja, uma vez aprendido determinado conteúdo desta forma, o indivíduo conseguirá explicá-lo com as suas próprias palavras. Assim, um mesmo conceito pode ser expresso em linguagem sinônima e transmitir o mesmo significado. (ARAGÃO, 1976, p.21)

Uma vez que o educando é da era digital, a aprendizagem significativa para o mesmo deve incluir metodologias e técnicas que estejam aliadas à tecnologia, que é a linguagem que estes jovens mais reconhecem e sentem-se familiarizados.

Por esta razão, o presente trabalho justifica-se pela necessidade do professor repensar suas práticas pedagógicas, bem como incorporar as novas tecnologias a estas práticas para a melhoria do processo de ensino e aprendizagem em língua

estrangeira, mais especificamente em Língua Inglesa. Objetiva-se, pois, refletir sobre as metodologias e abordagens para o ensino de língua inglesa, realizando apenas uma breve revisão das mais utilizadas. Após, serão propostas atividades diversas que contemplem o uso das ferramentas tecnológicas em sala de aula. Por tratar-se de uma revisão, o intuito é apenas citar os métodos e abordagens, para uma posterior contextualização através das atividades propostas, que é o foco principal deste trabalho.

No que tange ao ensino de língua estrangeira no ambiente escolar, percebe-se certa dificuldade em fazer com que os alunos assimilem os conteúdos, desenvolvendo as quatro habilidades fundamentais para a fluência no idioma alvo. Apostar em diferentes metodologias, com recursos tecnológicos que facilitem este processo parece ser um caminho possível a ser percorrido, e é a chave para a aquisição de uma segunda língua por meio de associações. Como postula Mitchel e Myles (2004, p.12), “a mente humana está predisposta a procurar associações entre os elementos e a criar links entre eles”.

Uma proposta clara e bem fundamentada deve estimular a criatividade e deixar o aluno “aberto” ao conhecimento. E se o aluno sente-se familiarizado e gosta de lidar com recursos tecnológicos, porque não romper com os paradigmas que circundam o uso destes em sala de aula?

Fazer com que as informações sejam mais acessíveis e possibilitem trocas entre os indivíduos, permite que o aluno veja a figura do professor não como um “sabe tudo”, mas como alguém que compartilha dos mesmos anseios e que se utiliza das mesmas ferramentas tecnológicas, aproximando-os mais e tornando as relações mais fáceis e prazerosas.

Parece então, ser este o caminho para atingir o interesse do aluno em sala de aula.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Utilizou-se a pesquisa bibliográfica para relacionar os métodos de ensino em língua inglesa, diferenciando-os de metodologia e abordagem, bem como suas particularidades. Como postula Gil (2008):

Este tipo de pesquisa pode proporcionar maior familiaridade com o problema (explicitá-lo). Pode envolver levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas experientes no problema pesquisado. Geralmente, assume a forma de pesquisa bibliográfica e estudo de caso.

Buscou-se também refletir e propor algumas práticas pedagógicas que incentivam o uso de ferramentas tecnológicas em sala de aula. Dessa forma a revisão bibliográfica possibilita o trabalho de investigação mais otimizado, servindo até mesmo ao autor da pesquisa que acaba por ter o conhecimento sobre o assunto em questão, de forma mais clara e objetiva. Para Figueiredo (1990, p.132) a revisão bibliográfica “possui função histórica e de atualização, ou seja, através dela, pode-se ter avanços ou retrocesso no objeto de estudo, uma vez que contextualiza a significância do assunto proposto”.

Isto justifica a pesquisa bibliográfica, que, para Caldas (1986, p.15) é a “coleta e armazenagem de dados de entrada para a revisão, processando-se mediante levantamento das publicações existentes sobre o assunto ou problema em estudo, seleção, leitura e fichamento das informações relevantes”.

3 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

A Língua Inglesa é ensinada em muitos espaços sociais além do ambiente escolar. Como o ensino de línguas exige contato constante com a parte auditiva, é essencial o uso das tecnologias para garantir a qualidade na aprendizagem. Desta forma é necessário propiciar ao aluno conhecer a língua estudada.

Neste sentido, os cursos de idiomas ganham espaço, pois ofertam flexibilidade nos dias, horários e formas diversas de contato do aluno com a língua.

No entanto, o grande desafio é garantir que essas condições, tão importantes no processo de aprendizagem em língua estrangeira, aconteça também no ambiente escolar e possibilite o aluno aprender de fato. Por isso, para concretizar esse processo, é necessário o uso das tecnologias e suas ferramentas.

São muitas tecnologias disponíveis para o ensino de línguas, mas a internet se destaca entre todas. Como expressa Paiva (2012, p.160) “a internet revolucionou o ensino de línguas ao possibilitar a integração da escrita, do áudio e do vídeo em textos multimodais, além da interação entre falantes ou aprendizes, em tempo real ou assíncrono”.

A internet é veloz, possibilita acesso rápido, atualizado, completo e contagia os usuários.

As tecnologias estão cada vez mais presentes no cotidiano das pessoas e vem mudando a sociedade na forma de pensar e lidar com as informações, visto que tudo chega muito mais rápido. Para Brydon (2011):

As novas tecnologias asseguram que as vidas de muitas pessoas no mundo são hoje parcialmente moldadas por forças *transmundiais* (grifo do autor). Nessa perspectiva, as diferentes línguas, formas de pensar, estilos de vida, diferentes comunidades, políticas, economias se destacam, por exemplo, ao navegarmos pela internet, sem necessariamente estar fisicamente em outras cidades, regiões ou países.

Necessariamente essas mudanças atingem a educação, principalmente o ensino de línguas com a introdução dos diversos aparatos tecnológicos disponíveis. Dessa forma, é possível atualizar-se frequentemente, a comunicação é rápida e proporciona práticas de leituras, escritas, falas, compreensão auditiva e atualizações contínuas.

Um empecilho que ocorre no uso das tecnologias é a resistência de alguns profissionais envolvidos no processo educacional. O receio é de não conseguir implementar adequadamente, no contexto escolar, as tecnologias atuais, por medo, insegurança e até mesmo por falta de habilidade e conhecimento. Essa situação dificulta, muitas vezes, que as aulas de língua inglesa tornem-se interessantes e possam envolver mais os alunos.

No entanto, há professores comprometidos com a aprendizagem de seus alunos e seu crescimento pessoal e profissional. Por isso buscam aperfeiçoamento, inovam o processo e ensino, utilizam materiais autênticos e diversificados, atualizam-se visando uma aprendizagem emancipadora e crítica.. Para Monte Mór (2008, p.469), “nesta sociedade digitalizada, as narrativas pessoais e seus conceitos de felicidade são construídos de formas múltiplas, devido às diversas alternativas que esta *sociedade tecnologizada* proporciona” (grifo do autor). Para esta autora:

Numa perspectiva crítica, as narrativas de felicidade construídas pelas pessoas tanto podem se basear na posse de /ou acesso a um objeto tecnológico que as faz sentir incluídas na sociedade, quanto nas possibilidades de reconstruir conhecimentos, desenvolver agência e crítica no ato da navegação. Conscientes das características desta sociedade, percebemos a importância que a tecnologia tem para o ensino de idiomas, e de outras disciplinas com recursos que complementam as diversas propostas de ensino. (MÓR, 2008, p.476).

Mas ao falarmos em tecnologia aplicada à educação, mais especificamente ao ensino de idiomas, esbarramos no uso destas tecnologias inseridas à metodologia utilizada pelo professor.

3.1 MÉTODO, METODOLOGIA E ABORDAGEM

É necessário que se deixe explícito o que é metodologia para poder tratar de método e abordagem, para então discorrer brevemente sobre os métodos utilizados no ensino de língua inglesa. De acordo com Maxwell (2005, p.137):

O termo "metodologia é usado frequentemente para esta seção da proposta. Apesar de sua prevalência, este é um uso impreciso e pretencioso, um bom exemplo do que Beckes chamou de "escrita elegante". Metodologia é a teoria ou análise de métodos, não o que você realmente faz em um estudo particular.¹

¹ The term “methodology is often used for this section of proposal. Despite its prevalence, this is an inaccurate and pretentious usage, a good example of what Beckes called “classy writing”. Methodology is the theory or analysis of methods, not what you actually do in a particular study.”

Já no dicionário Aurélio, metodologia é “a aplicação do método de ensino” e método é “a ordem pedagógica na educação, um processo racional para chegar a determinado fim.”

Paiva (2012, p.24) também coloca, com base em Anthony (1963) e em Richards e Rodgers (1986), que abordagem “é um conjunto de pressupostos que incluem teorias de língua/linguagem e de ensino e aprendizagem”, e método pode ser definido como “um conjunto de procedimentos coerentes com a abordagem que lhe dá sustentação”.

Porém Leffa (1988, p.211) propõe uma visão diferenciada:

Devido à grande abrangência com que se usava o termo “método” no passado, convencionou-se subdividi-lo em abordagem e método propriamente dito. Abordagem é o termo mais abrangente e engloba os pressupostos teóricos acerca da língua e da aprendizagem.”

Os métodos de ensino em Língua Inglesa, conforme Paiva (2012) e Leffa (1998) são os que seguem. Neste item será feita uma breve exposição dos métodos, com intuito de revisar os mais utilizados em Língua Inglesa.

3.1.1 Método de Gramática e Tradução

Esta abordagem, ou método, mais tradicionalmente falando, consiste em ensinar a língua estrangeira, utilizando-se da língua materna do aprendiz. Bem colocado por Leffa (1988, p.214) “toda a informação necessária para construir uma frase, entender um texto ou apreciar um autor é dada através de explicações na língua materna do aluno”

Como Paiva (2012) coloca sobre Howatt (1984, p.131), o ensino de línguas com base em textos literários funciona bem com pessoas cultas, familiarizadas com a gramática clássica, que estudavam de forma autônoma, mas não era apropriado ao ensino em grupo, para aprendizes mais jovens. Seu objetivo era facilitar a aprendizagem por meio da introdução de frases exemplificativas em substituição aos textos tradicionais.

3.1.2 Método Direto

Ainda em Paiva (2012), o Método Direto inspirava-se no modo como uma criança aprendia sua língua materna, ou seja, de forma natural. Privilegiava a fala, a contextualização, o ensino da fonética e a aprendizagem da gramática por indução.

3.1.3 Método da Leitura

Tinha como objetivo principal desenvolver a leitura, e esta era oportunizada ao máximo, tanto dentro quanto fora de sala de aula. O aprendizado do vocabulário era tido como essencial, com predominância de exercícios escritos, como questionários baseados em textos. A gramática tinha apenas a ênfase mínima para a compreensão da leitura, e a oralidade não era levada em conta. Foi um método muito criticado.

3.1.4 Método Áudio-oral

Através de muita repetição e automatização de estruturas, o método áudio-oral, conforme Paiva (2012, p.28), “consiste na prática dessas estruturas básicas (sintáticas e sonoras)”. Comenta ainda que o aluno é exposto à estrutura (modelo) de forma exaustiva, com muitos exercícios de repetição e *drills*.

3.1.5 Estruturalismo

Paiva (2012) diz que Sussure (1995) rejeitava a separação entre morfologia e sintaxe, propondo a descrição gramatical de uma língua com base em uma dupla articulação: sintagmática e paradigmática. O eixo sintagmático (sintático) era responsável pelo encadeamento dos termos da oração numa extensão linear, ao passo que o eixo paradigmático (semântico) era responsável pela seleção dos elementos que podiam entrar num ponto dessa cadeia linear.

3.1.6 Sugestologia de Lozanov

O ambiente interfere na aprendizagem, portanto a sala de aula deve ser o mais agradável e confortável possível pois os fatores psicológicos da aprendizagem é que estarão em foco. Como comenta Leffa (1998, p.227), “as habilidades são

ensinadas ao mesmo tempo, principalmente através de longos diálogos lidos pelo professor com constantes variações de entonação”.

3.1.7 Método de Curran – Aprendizagem por Aconselhamento

As técnicas de terapia grupal são utilizadas, e o método tem foco no aluno. Há confronto entre alunos pois estes posicionam-se em círculos e o professor circula por fora. Como explica Leffa (1998, p.228), “quando o aluno deseja dizer alguma coisa, o professor se aproxima e traduz a frase do aluno na língua estrangeira. Usando um gravador, o aluno repete em voz alta a frase traduzida pelo professor”. Desta forma, ao término todos terão as gravações produzidas e poderão transcrevê-las, fazendo observações e comentários. A intenção é levar o aluno a produzir suas frases diretamente na língua estrangeira, assumindo até o papel do professor.

3.1.8 Método Silencioso de Gattegno

Este método ensina a estrutura básica da língua. Objetos e fichas são associados aos sons das palavras e os alunos praticam a autonomia resolvendo os exercícios e deduzindo as regras. O professor tem papel passivo e silencioso e apenas corrige os erros.

3.1.9 Método de Asher – Resposta Física Total

Ouvir e entender uma língua é a premissa deste método. Leffa (1998, p.229) diz que ele “consiste no ensino da segunda língua através de comandos emitidos pelo professor e executados pelo alunos”. Os comandos vão ficando mais complexos com o passar das aulas e a prática oral só começa mais tarde quando o aluno sentir-se interessado em falar.

3.1.10 Abordagem Natural

Esta concepção, baseada na teoria de Stephen Krashen (2013) parte da premissa de que o aluno adquire o idioma inconscientemente, contrapondo,

portanto, as teorias de aprendizagem, salientando que o idioma deve fluir naturalmente com a mínima influência do professor.

3.1.11 Abordagem comunicativa

Para Paiva (2012), Chomsky (1965, p.84) define bem esta abordagem dizendo que o conhecimento que o falante-ouvinte possui de sua língua, e o uso efetivo que ele faz da língua em situações concretas, são, simultaneamente, competência e desempenho. Chomsky ainda coloca que a competência é uma capacidade inata comum a todos os seres humanos, e que tal capacidade faz que, com um número finito de regras, o falante seja capaz de produzir um número infinito de frases.

3.2 ESTRATÉGIAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM

É importante sabermos como aprendemos, quais são nossas estratégias, nossas características, o tipo de aprendiz que somos. O aprendiz ideal seria aquele que tem controle sobre seu aprendizado e consegue escolher quais estratégias de aprendizagem melhor lhe favorece. Porém é necessário ter a noção do que são estratégias de aprendizagem.

Para O'Malley e Chamot (1990, p.1) “são formas especiais de processar informação para aumentar a compreensão, a aprendizagem, ou a retenção de informação”. Podemos ter estratégias inatas, resultantes das características pessoais do aprendiz, ou estratégias resultantes da observação, aprendidas através de experiências. Mas como somos seres complexos e diferentes, nossas estratégias também o são.

O professor deve ter a consciência de que em uma sala de aula seus alunos fazem uso de diferentes estratégias de aprendizado, pois cada um aprende de sua forma particular. E, fazer uso de diferentes tecnologias aliadas às diferentes metodologias, pode ser uma forma de abranger o aprendizado, senão de todos, pelo menos da grande maioria dos alunos de uma determinada sala de aula.

E as estratégias são várias, pois Oxford (1990, p.14~15) diz que dividem-se em diretas e indiretas, e estas em subgrupos.

De acordo com este autor, as estratégias diretas englobam as estratégias de memória, as cognitivas e as de compensação. Para a compreensão e uso de uma língua, utilizamos as estratégias cognitivas. Ele cita exemplos como ouvir música, ler notícias e cantar em uma segunda língua. As estratégias de compensação, segundo o mesmo autor, servem para superar quando há falta de conhecimento, como quando inferimos significado pelo contexto. E, por último, as estratégias diretas da memória, que são quando fazemos associações, recuperamos informações e/ou as arquivamos.

Oxford (1990) ainda lista as estratégias indiretas, englobando as metacognitivas, as afetivas e as sociais. Para coordenar o processo de aprendizagem, a estratégia utilizada é a metacognitiva, que postula sobre a autoavaliação, ou seja, avaliar o que é preciso aprender, do que já foi aprendido e elaborar ações para atingir os objetivos a que se propõe. O fato de não temer o erro e arriscar-se faz parte das estratégias afetivas e o controle das emoções. Já as sociais, como o nome propõe, socializam o saber através da ajuda de e/ou para com o outro.

Portanto, em uma sala de aula o professor tem que aliar diferentes métodos e/ou abordagens para tentar atingir o maior número possível dos diferentes aprendizes. E a utilização das ferramentas tecnológicas pode facilitar todo esse processo, uma vez que engloba os conteúdos propostos de forma a contemplar os aprendizes auditivos, visuais e sinestésicos.

As atividades apresentadas neste trabalho visam contemplar todos os tipos de aprendizes, uma vez que é um suporte a mais na condução da aula do professor, e este tem a liberdade para escolher, utilizar, adaptar e aplicar quaisquer métodos e/ou abordagens que ele sinta necessário e eficaz.

3.3 PROPOSTA DE USO DA TECNOLOGIA EM SALA DE AULA

Na sociedade atual, em que o jovem recebe uma quantidade de informação, porém não tem espaço para discutir e construir significado para aquilo que lê, vê e ouve, observa-se o papel fundamental do professor e da escola, como mediadores do conhecimento. Segundo Silva (1999) numa sociedade tão brutal, desigual e individualista como a nossa, a escola ainda se coloca como um ponto de encontro para o exercício do diálogo e, conseqüentemente, para a partilha do saber. Nela,

ainda que minimamente, o educando tem a possibilidade de organizar as ideias e constituir-se no processo de produção do conhecimento.

Nessa perspectiva, Silva (1999) coloca o educando no papel de protagonista e o professor como aquele que propicia a mediação do conhecimento, e a escola como o ambiente, no qual os diálogos, conceitos e discursos convergem. Partindo deste princípio teórico, quando falamos do estudo da linguagem e principalmente de uma língua estrangeira, percebe-se a necessidade de inserir no contexto educativo, ferramentas que aproximem o aluno do objeto de estudo, no caso de nossa pesquisa, a Língua Inglesa.

Para Camas (2013), o professor,

Ao se apropriar do uso das tecnologias em sua prática, tem a oportunidade de romper com o paradigma de ser o possuidor de conhecimentos para uma situação que preze pela relação de compartilhar com os outros professores e com os alunos (CAMAS, 2013, p.186)

Para Leffa (2006, p.5) “uma abordagem interacional é a maneira mais adequada de ver o todo sem perder as partes e como tudo se relaciona entre si”. Segundo ele os resultados sugerem que à medida que os alunos interagem mais entre si, fazendo com que o discurso da sala de aula deixe de ser dominado pelo professor, cria-se um comprometimento maior do aluno, que se sente mais envolvido com sua própria aprendizagem. Como também coloca Santaella (2013), “os aparelhos móveis são, em geral, propriedades dos usuários, e acabam por se tornar próteses personalizadas dos seus proprietários”.

Por esta razão, observamos que o uso da tecnologia pode possibilitar a interação mencionada por Leffa, auxiliando o aluno na construção de um conhecimento significativo e concreto, ao que está sendo proposto.

A interação em sala de aula de língua inglesa parte de uma linha de pensamento que vê a linguagem como atividade social e que considera o discurso um empreendimento de natureza linguística, social e cognitiva que constitui e é constituído pelos seus atores e contexto. No caso da interação em sala de aula, que depende da participação tanto do professor como dos alunos, o maior objetivo por parte dos envolvidos é aprendizagem. (TAVARES in LEFFA, 2006)

Uma das ferramentas que fazem parte do cotidiano desta geração “conectada” e que pode estabelecer a interação mencionada anteriormente é o

celular, visto por muitos profissionais como um veículo de dispersão. Se observarmos os avanços sociais e culturais em que vivemos na pós-modernidade, perceberemos que não podemos combater essa ferrenha invasão tecnológica em nosso cotidiano. Uma ruptura total com o uso desta ferramenta, o celular, pode criar uma ruptura também da escola com o tempo tecnológico que nos apresenta. Portanto, devemos nos munir e utilizar estas ferramentas, em favor do processo de ensino e aprendizagem, promovendo a interação dos alunos com a língua estrangeira, estabelecendo a conexão pedagógica entre a teoria e o meio como ela é praticada. Por isso,

É importante reconhecer que o ensino de línguas é uma ocupação tão prática como teórica. As técnicas de ensino e materiais devem em última instância estar ligados a princípios subjacentes. Uma vez que nosso objetivo é capacitar o aprendiz a enfrentar o discurso de uma maneira ou de outra, seria razoável recomendar que se partisse do discurso como ponto de referência para todos os exercícios a serem concebidos. WIDDOWSON (2005, p.195)

Baseado na teoria proposta por Winddowson (2005) propõe-se nesta pesquisa, simples práticas pedagógicas de uso da tecnologia. Uma das práticas é o uso de aplicativos que possibilitam o treino do vocabulário, em celulares. Nestas versões, o próprio aluno poderá ter contato direto com a língua, praticando a mesma, diariamente, promovendo a interação do objeto de estudo e o sujeito, conseqüentemente tornando o ato de estudar mais autônomo. Caberá ao professor, como mediador, elaborar exercícios que abordem os vocabulários utilizados nos aplicativos, estabelecendo a conexão teoria e prática. Ao utilizar o celular para fazer tarefas passivas ou de memória, os alunos têm mais tempo para interpretar e discutir ideias, tornando seu aprendizado reflexivo.

Outra prática é baseada na crença de Dickinson in Paiva (2012, p.43) que sugere a criação de um “centro de autoacesso” , que nada mais é que um espaço educacional onde o aprendiz tem acesso a um conjunto de materiais para estudar sozinho. Sua principal função é possibilitar a aprendizagem autônoma. Paiva (2012) salienta que este “centro de autoacesso” pode ser uma sala de aula planejada, um laboratório, um espaço na biblioteca, uma estante na sala de aula, um carrinho de supermercado ou até mesmo uma caixa de papelão. Partindo dessa fundamentação acrescentamos os ambientes virtuais como “Blogs, um e-mail da turma e grupos de redes sociais”, nos quais os alunos poderão trocar os materiais entre si e o professor

assume o papel de mediador/ tutor, sem alterar a proposta de autonomia por parte dos estudantes.

Além destas, uma outra proposta, pressupõe que o professor se preocupe em desenvolver a competência comunicativa de seus alunos. Segundo Paiva (2012, p.30) “o termo competência comunicativa foi cunhado há quarenta anos por Dell Hymes, em contraposição a noção de competência (conhecimento linguístico inato) proposta por Chomsky (1957). Dell Hymes expandiu o conceito de competência, incluindo as dimensões sociolinguística (adequação da linguagem ao contexto), pragmática (conformidade com o uso) e psicolinguística (viabilidade de processamento dos enunciados)”.

Em virtude disso, o professor poderá utilizar-se de *podcasts*² em suas aulas como um instrumento de avaliação da produção oral, e o mesmo poderá ser compartilhado entre os pares no centro de autoacesso já mencionado. Para mais informações sobre o *podcast*, o professor pode passar um vídeo da TV Paulo Freire, disponível no site *Youtube*, falando sobre o assunto, antes de propor a atividade para os alunos. O mais importante nesta prática é que os próprios alunos criem seus *podcasts*. Esta atividade propiciará um ambiente de socialização do conhecimento e interação no processo de ensino aprendizagem.

As práticas propostas nesta pesquisa são algumas das diversas maneiras que o professor pode dispor para tornar suas aulas mais dinâmicas, chamando assim atenção dos seus alunos para o objeto de estudo.

Todo professor é um livro e, conseqüentemente, uma promessa de leitura para os seus alunos. A questão é saber se esse livro se renova e se revitaliza na própria prática do ensino; de que maneira esse livro se deixa fruir pelos alunos-leitores e se esse livro se abre à reflexão e ao posicionamento dos leitores, permitindo a produção de muitos outros livros e textos. SILVA (1999, p.30)

Portanto, o professor em seu papel protagonista e coautor na construção do conhecimento é uma das peças fundamentais do processo de ensino aprendizagem. Sem ele, o processo esvazia-se de sentido. Cabe ao mesmo promover e instigar a curiosidade dos alunos pelo saber. Sabe-se que a educação tem sofrido inúmeras interferências externas que tornam o dia a dia da escola difícil, fugindo muitas vezes

² “*Podcast*” (originado do dispositivo *Ipod* e da palavra *broadcast* que significa transmitir) é o nome dado ao arquivo de áudio digital, frequentemente em formato MP3 ou ACC (este último pode conter imagens estáticas e links). Também pode se referir a série de episódios de algum programa.

de seu papel, porém não podemos, enquanto educadores, ficarmos estáticos diante das dificuldades.

Como anexo, há uma síntese de um estudo de caso de uma professora com seus alunos e sua experiência com o uso das tecnologias. A seguir, uma explicação mais detalhada de cada proposta, é apresentada.

3.3.1 Atividade 1- Uso do *Podcast*

- Série a que se destina – 1º, 2º ou 3º ano do Ensino Médio
- Quantidade de aulas necessárias – cinco aulas, sendo três aulas para a preparação do material e duas aulas para a gravação do material produzido.
- Conteúdo a ser trabalhado – tempos verbais no presente, passado e/ou futuro, e vocabulário referente ao tema escolhido. Pode ser escolhido qualquer conteúdo que o professor considere pertinente.
- Descrição da atividade – o professor dividirá a turma em grupos de cinco pessoas; o professor estipulará um tema ou deixará livre para que os alunos o façam; de posse do tema, os alunos desenvolverão a parte escrita do áudio, que pode ser um questionário-*quiz*, um texto informativo e/ou um diálogo; para tanto, durante as aulas o professor fará as orientações necessárias com relação ao uso correto da língua inglesa, adequações do vocabulário e correções; os alunos são livres para fazer uso do dicionário ou de tradutores que possam facilitar o trabalho; ao término da atividade, o professor agendará duas aulas no laboratório de informática da escola para que os alunos façam a gravação e a disponibilizem na internet; como fechamento do trabalho, o professor poderá propor que os participantes façam uma troca do material produzido com outras turmas.

3.3.2 Atividade 2 – Uso do celular

- Série a que se destina – 6º ano do Ensino Fundamental
- Quantidade de aulas necessárias – quatro aulas, sendo duas aulas para preparação do material e duas aulas para postagem.
- Conteúdo a ser trabalhado – vocabulário referente ao gênero textual que o professor for trabalhar.

- Descrição da atividade – o professor previamente pedirá autorização à direção para que os alunos utilizem o celular em sala de aula, pois há uma legislação vigente, Lei Estadual nº 18.118/2014-PR, que proíbe o uso do celular em sala de aula, salvo por uso exclusivamente pedagógico³; o professor instruirá os alunos a lerem o texto proposto, grifando as palavras novas ou quaisquer outras que causem dúvida de significado; ao término da leitura, os alunos utilizarão o celular no aplicativo “mensagem”; cada aluno escolherá três palavras e as enviarão para o colega; o colega pesquisará via internet ou dicionários disponibilizados em sala, o significado das três palavras seguidas de exemplos em frases; as frases serão compartilhadas por todos da turma através de um aplicativo de troca de mensagens em grupo (disponível para download gratuito); durante o processo de troca, o professor pedirá que os próprios alunos façam as correções devidas para posterior postagem; a postagem da atividade da turma se dará via “centro de autoacesso”; cada turma postará seu texto com as palavras escolhidas e os devidos exemplos já corrigidos; será criado então um material extra de todas as turmas, disponibilizado através do “centro de autoacesso”, e os alunos farão tudo via celular, que é um equipamento que eles manuseiam muito bem.

3.3.3 Atividade 3 – Uso do aplicativo *Duolingo*⁴ no celular, *tablet* ou computador

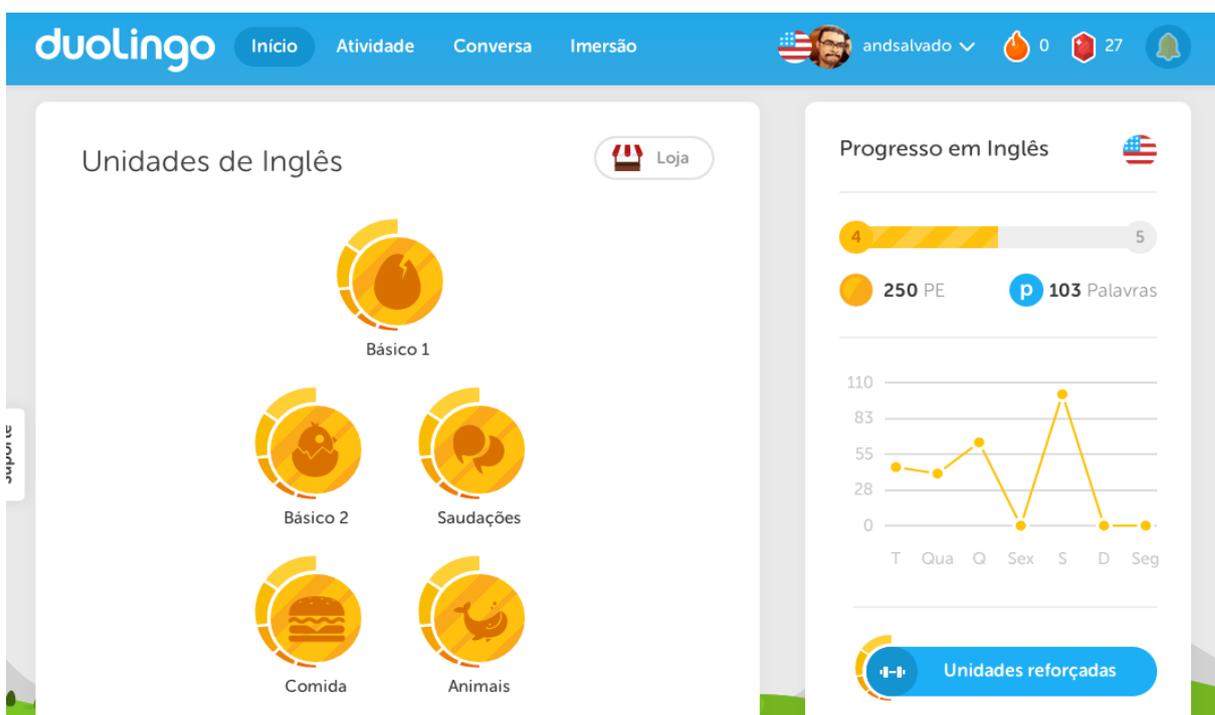
- Série a que se destina – todas
- Quantidade de aulas necessárias – aproximadamente três aulas para fazer o download gratuito e entender o funcionamento do aplicativo.
- Conteúdo a ser trabalhado – variado.
- Descrição da atividade – o professor poderá explorar o aplicativo com os alunos, utilizando o laboratório de informática; após o entendimento de como interagir com o *Duolingo*, o professor poderá propor que os alunos comecem a utilizar o aplicativo no tablete, celular ou no computador; como o aplicativo é interessante, o professor poderá utilizá-lo como uma ferramenta extra de fixação de conteúdo, no formato de

³ Vide a lei na íntegra em anexo.

⁴ O *Duolingo* é o aplicativo mais popular para aprender novos idiomas. Possui elementos de gamificação que tornam o aprendizado mais divertido e oferece um nível alto de aprendizado, desde o mais básico até o avançado da língua. É um serviço totalmente gratuito e é possível aprender seis línguas diferentes. O aplicativo requer um dispositivo Android 2.2 ou superior e possui 14 MB, após instalado irá ocupar cerca de 22 MB.

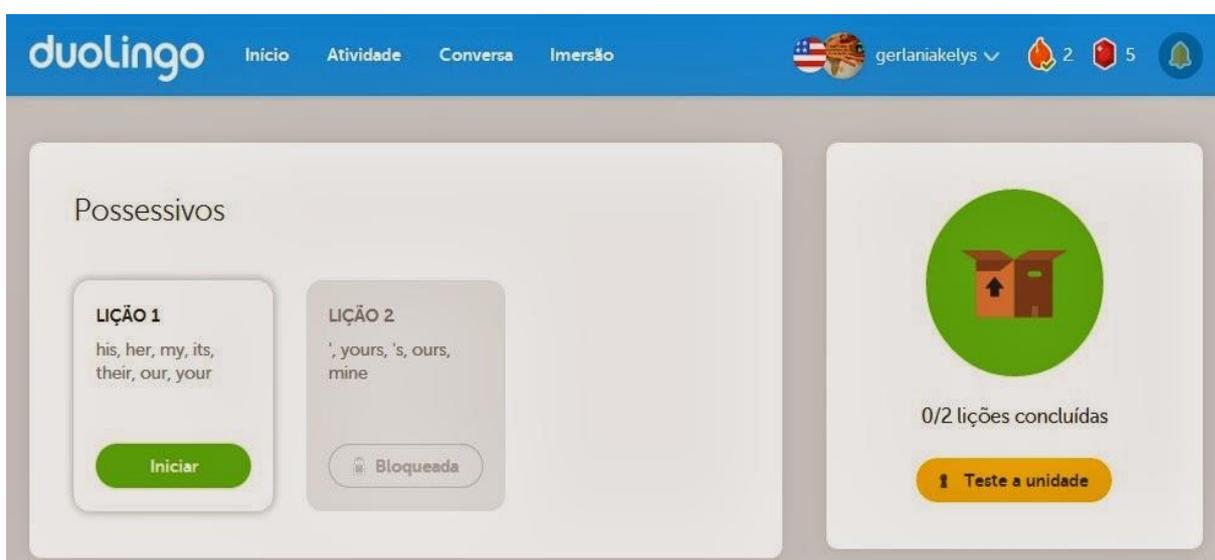
tarefa e poderá conferir o avanço dos alunos durante as aulas, verificando individualmente o progresso do trabalho de cada aluno, pois o aplicativo fornece o desempenho do usuário.

Figura 1 – Tela das unidades do conteúdo



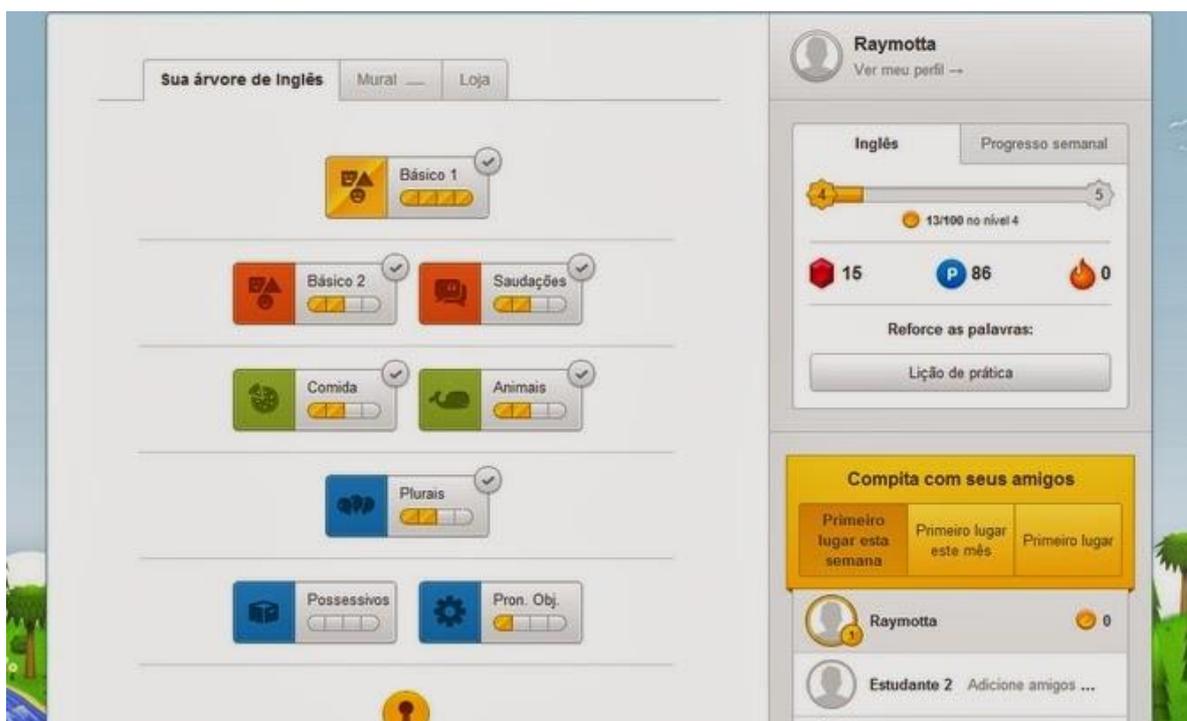
Fonte: Disponível em <<https://pt.duolingo.com/>>

Figura 2 – Tela com lições e seus conteúdos



Fonte: Disponível em <<https://pt.duolingo.com/>>

Figura 3 – Tela com a “árvore de inglês” e progresso do aluno



Fonte: Disponível em <<https://pt.duolingo.com/>>

3.3.4 Atividade 4 – Uso do “centro de autoacesso”

- Série a que se destina – todas
- Quantidade de aulas necessárias – o professor determinará conforme o andamento da atividade.
- Conteúdo a ser trabalhado – conteúdos variados e/ou já produzidos.
- Descrição da atividade – o professor explicará para a turma o que é centro de autoacesso e criará um para cada turma; uma vez que trata-se de uso de tecnologia, a ferramenta aqui escolhida será o blog; neste, a turma postará todos os materiais produzidos em sala, como os *podcasts*, as atividades de vocabulário realizadas no celular, as atividades realizadas nos aplicativos e quaisquer outras que o grupo ache pertinente; o importante é disponibilizar o blog da turma entre o coletivo da escola, incentivando inclusive a criação de outros centros nas diversas disciplinas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que, além da mudança de enfoque de aula, por parte dos professores, e da parceria que os mesmos precisarão praticar a fim de conseguirem realmente efetivar um trabalho de interdisciplinaridade significativa de acordo com as possibilidades de sua área, a escola também precisará contribuir com esta mudança.

Desta forma, a escola precisa colaborar no sentido de fornecer subsídios para que realmente se efetive a prática da aprendizagem significativa em sala de aula, a partir do trabalho com as ferramentas tecnológicas abordadas ao longo deste trabalho, partindo sempre do foco no aluno, ou seja, considerando seus sentimentos, sensações, anseios, enfim, seu universo, de modo a considerar o indivíduo na sua totalidade. Percebe-se também a necessidade de flexibilização nos planos de trabalho docente no sentido de conciliar os conteúdos, sua abordagem com o uso pedagógico mais apropriado das ferramentas tecnológicas.

Ainda, o professor não pode mais ter como base apenas sua área de formação. É preciso expandir conhecimentos, deixar a zona de conforto de lado e partir para a interdisciplinaridade, uma vez que a tecnologia que nos norteia favorece a interligação das ciências, influencia e interfere no mundo em que vivemos.

Saber dialogar, no sentido mais amplo da palavra, com os jovens e seu imediatismo através do mundo virtual, parece ser imprescindível e fundamental para o professor que quer atingir de forma otimizada e efetiva os seus alunos. Conseguir conectar metodologia de ensino, tecnologias e atenção de seus alunos, tudo em um mesmo ambiente, o da sala de aula, é um desafio da contemporaneidade. Essa é a busca que todo professor deve fazer a fim de refletir e perceber que o que está posto atualmente não pode continuar. É preciso incorporar a tecnologia no dia a dia da sala de aula.

REFERÊNCIAS

AMARAL, S. F. **Comentário sobre o texto do professor Ezequiel Theodoro da Silva**. In: A leitura nos oceanos da Internet. São Paulo: Cortez, p. 59-60, 2003.

ARAGÃO, R. M. R., **Teoria da Aprendizagem Significativa de David P. Ausubel**. Tese de Doutorado, Campinas, 1976.

CAMAS, Nuria Pons Vilardell *et al.* Professor e cultural digital: reflexão teórica acerca dos novos desafios na ação formadora para nosso século. **Reflexão & Ação**, v.21, n.2, p.179-198, 2013. Disponível em: <https://online.unisck.br/index.php/reflex/article/view/3834>. Acesso em: 10 de jan. 2015.

DUDENEY, G. & HOCKLY, N. **How to teach English with Technology**. Essex: Pearson Longman, 2007.

FIGUEIREDO, Nice. **Da importância dos artigos de revisão da literatura**. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, São Paulo, 1990.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KRASHEN, Stephen. **Second Language Acquisition: theory, applications, and some conjectures**. Cambridge University Press. México, 2013.

LEFFA, Vilson J. (Org.) **A interação na aprendizagem das línguas**. Pelotas: Educat, 2006.

LEFFA, Vilson J. **Metodologia do ensino de línguas**. In BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. Tópicos em linguística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1998. p.211-236.

MENEZES DE SOUZA, L.M.T. **Para uma redefinição de Letramento Crítico: conflito e produção de significado.** In: Maciel, R.F. e Araujo, V. de A. Formação de Professores de Línguas: Ampliando Perspectivas. Jundiaí, Paco Editorial 2011, p. 128-140.

MONTE MÓR, W. **Multimodalidades e comunicação: Antigas novas questões no ensino de línguas estrangeiras.** R. Let. & Let. Uberlândia-MG v.26 n.2 p.469-476 jul.|dez. 2010.

NAZARÉ, Fernanda. Professora usa celular como material didático em sala de aula. Encontro, 25 set. 2014. Disponível em: <<http://sites.uai.com.br/app/noticia/encontrobh/atualidades/2014>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

OXFORD, R. **Language learning strategies: what every teacher should know.** New York: Newbury House, 1990.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **O uso da tecnologia no ensino de línguas estrangeiras: breve retrospectiva histórica.** Disponível em <<http://www.veramenezes.com/techist.pdf>>. Acesso em: janeiro 2014.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Ensino de língua inglesa no ensino médio: teoria e prática.** São Paulo: Edições SM, 2012.

RYDON, D. Local Needs, Global Contexts: Learning New Literacies. In: Maciel, R.F. e Araujo, V. de A. **Formação de Professores de Línguas: Ampliando Perspectivas.** Jundiaí, Paco Editorial 2011, p. 93-109.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação.** São Paulo: Paulus, 2013.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **De Olhos abertos: reflexões sobre o desenvolvimento da Leitura no Brasil.** São Paulo: Ática, 1999.

TV Paulo Freire. SEED-Secretaria de Estado da Educação. **O que é Podcast?** Disponível em: <<http://www.youtube.com.br/watch?v=6YbH9XseDeA>. Acessado em: 16/10/2014.

WIDDOWSIN, H.G. **O ensino de línguas para a comunicação**. Tradução: José Carlos P. de Almeida Filho. Campinas SP: Pontes, 2ª edição, 2005.

WIKIPÉDIA. Podcast. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Podcast>>. Acessado em: 20/09/2014.

ANEXOS

Anexo 1

Lei Estadual nº 18.118/2014-PR

Publicado no Diário Oficial nº. 9233 de 25 de Junho de 2014.

Súmula: Dispõe sobre a proibição do uso de aparelhos/equipamentos eletrônicos em salas de aula para fins não pedagógicos no Estado do Paraná.

A Assembleia Legislativa do Estado do Paraná decretou e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1º Proíbe o uso de qualquer tipo de aparelhos/equipamentos eletrônicos durante o horário de aulas nos estabelecimentos de educação de ensino fundamental e médio no Estado do Paraná.

Parágrafo único. A utilização dos aparelhos/equipamentos mencionados no caput deste artigo será permitida desde que para fins pedagógicos, sob orientação e supervisão do profissional de ensino.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Palácio do Governo, em 24 de junho de 2014.

Carlos Alberto Richa
Governador do Estado

Paulo Afonso Schmidt
Secretário de Estado da Educação

Cezar Silvestri
Chefe da Casa Civil

Gilberto Ribeiro
Deputado Estadual

Anexo 2

PROFESSORA USA CELULAR COMO MATERIAL DIDÁTICO EM SALA DE AULA

Cansada dos alunos espiarem o telefone durante as aulas, professora de Belo Horizonte inclui o aparelho nas atividades escolares e consegue melhor rendimento da classe.

“Se não pode vencer o inimigo, junte-se a ele”. É assim que a professora de literatura Ciléa Tavares França, do Colégio Padra Machado, em Belo Horizonte, conseguiu atrair a atenção dos alunos e adaptar sua didática à nova realidade do mundo conectado. Com 20 anos de docência, ela adotou o celular como aliado em sala de aula. “É muito mais rápido consultar o significado de uma palavra no aplicativo de dicionários do que deslocar até a biblioteca e manusear aqueles livros enormes”, citando o exemplo de como tudo começou.

Percebendo o maior envolvimento dos alunos, a professora começou a pedir leitura de textos *on-line* como dever de casa. Quando o estudante alegava que não havia feito a atividade em casa ela então pedia para que o texto fosse lido em sala de aula, ao vivo. “Não tem mais desculpas que esqueceu o material escolar em casa”, diz. Com a tecnologia, parece que agora não há mais como fugir da leitura nas aulas da educadora Ciléa.

Para acompanhar os novos tempos, ela comprou seu primeiro celular e os alunos é que fizeram a vez de professores ensinando como manusear o aparelho. Isso inverte a relação de quem ensina e quem aprende. A turma já criou quinze maneiras diferentes de incluir o celular nas atividades escolares e a professora garante que houve melhora nas notas do boletim.

(Fonte: NAZARÉ, 2014)